

LEANDRO GOMES DE BARROS

OS HOMENS

- DA -

9

MANDIOCA



DEBATE DE JOSUE' ROMANO

COM AMARO COQUEIRO

DO PIAUHY



A' venda no Mercado de S. José

Compartimento n. 51

deposito: - rua Telles Junior n. 23

\* \* \* \* \*

Recife--Pernambuco

Arquivo

1921

# OS HOMENS - DA - MANDIOCA

Diz o matuto na praça  
a quadra agora me tóca  
o commercio e a industria  
s'tão soletrando pipóca  
minh'alma está no feijão  
minha vida na mandioca

Para meu consumo  
Basta macacheira  
com gomma e crueira  
já vê que me arrumo  
O milho e o fumo  
formam uma grugêta  
no fim da colheta  
levantou a canna  
a fome se damna  
eu encho a gaveta.

Se a secca for em progresso  
e a farinha não baixar  
Se o Rio Grande do Sul  
não tiver o que exportar  
estou com a faca e o queijo  
posso comer de vagar

Mas s'tou com ciuime  
è do Rio Grande  
que de lá não mando  
barcos de legume  
elle tem costume  
de fazer buraco  
o Norte está fraco  
o povo morrendo  
tudo está comendo  
farinha de barco

Mas se santa Catharina  
Rio Grande e Paraná  
tiverem secca tambem  
que não mando nada cá  
eu erguerei minha fronte  
e digo: tenha mão lá!

Farinha subindo  
batata levanta  
o povo se espanta  
eu fico me rindo  
digo: venha vindo!  
para mim e os meus,  
cuide la nos seus  
que a vida hoje é rara  
farinha bem cara  
Mandai mãe de Deus!

---

Ha uns dez annos passados  
ia vender-se farinha  
dizia o povo da praça  
compro se for baratinha  
porque farinha de roça  
só para porco e gallinha,

Já estamos vendo  
farinha de barco  
dez mil reis um sacco  
vem até fedendo  
porém estão vendendo  
e o povo a come  
não chamam-lhe nome  
nem choram o dinheiro  
pois não ha tempeiro  
igualmente a fome.

O povo antes da crise  
mulher só vestia sêda  
porco não devia ser  
pelado na labareda  
todo feijão encruava  
toda farinha era aseda.

Hoje no mercado  
o povo se junta  
e ninguém pergunta

---

por feijão torrado  
nem se está furado  
ou se estará são  
diz ao vendelhio  
com a calma immensa  
você me dispensa  
em cuja um tostão

E' esse o tempo que serve  
para o pobre do matuto  
que passou, 3, 4 annos  
sem dar sahida ao producto  
comendo fava sem sál  
e cara sem estar enchuto

Levava a farinha  
porem não vendia  
o povo dizia  
que aquillo era tinha  
voltava a tardinha  
que só um cigano  
com tal desengano  
sem carne e nem peixe  
uma mão no feixe  
e a outra no canno.

Agora chega na feira  
um carga de farinha

---

vem dez; logo encontrar ella  
 cada qual diz: esta é minha  
 não ha quem ponha defeito  
 nem diga mais que ella é tinha.

O rico hoje diz  
 não ha mais quem viva  
 sem plantar maniva  
 em nosso Paiz  
 e chamma feliz  
 ao povo do mato  
 e como de facto  
 poz lá não ha fome  
 o matuto come  
 tudo que é barato.

Hoje só pode viver  
 o governo e o roceiro  
 isto é bem entendido  
 da roça, o mandioqueiro  
 o pobre trabalhador  
 está com o mesmo desespero.

Feijão a cruzado  
 isso é uma joia  
 n'um litro pinoia  
 e este roubado  
 e vem bariado

---0---

para ninguem ver  
não apparecer  
o que n'elle encerra  
a metade é terra  
quando se escolher

O camarada que vai  
com dinheirinho enforcado  
chega na venda e se encontra  
com feijão o litro a cruzado  
não só vem com muita terra  
como o litro inda è roubado

O leitor entenda  
quem está desgraçado  
ganhou um cruzado  
foi com elle a venda  
nésta crise horrenda  
o que nisto encerra?  
a fome e a guerra  
tiram-lhe a razão  
num litro de feijão  
a metade é terra.

Para comprar assim mesmo  
inda precisa de rogo  
porque diz o vendelhão  
a bocca è quem faz o jogo

---

O balcão é a caldeira  
a carestia é o fogo.

São taes as respostas  
que elles dão alli:  
diz um, não nasci  
com ninguem nas costas  
nem que o corte em postas  
nada tenho a ver  
todo parecer  
não dou e n'em tomo  
carne que eu não como  
pode apodrecer.

Mas o vendelhão diz isso  
é ao pobre jornaleiro  
porèm sahindo da venda  
auctorisa ao seu cacheiro  
que use muita prudencia  
se chegar um mandloqueiro.

Mande-o se sentar  
veja o que ella quer  
o que elle quizer  
pode despachar  
deixe elle tirar  
a satisfação  
não faça questão

---

elle tem dinheiro  
um mandioqueiro  
é mais que um barão.

Eu vendo a quem tiver roça  
a quantia que quizer  
empresto até minha se gra  
só não lhe vendo a mulher  
fóra della venderei  
todo objecto qualquer.

Quero muito bem  
ao velho dinheiro  
e o mandioqueiro  
hoje é o quem o tem  
e não me convem  
que a crise me asanhe  
e nem que me apanhe  
vexame qualquer  
que tem que a mulher  
fique sem a mãe?

Os nossos antepassado  
tinham ditados tão certos  
com bem, elles diriam sup o alev  
o mundo é do mais esperto sup o  
devido a isso o coelho queb eboq  
dorme com os olhos abertos exieb

---

o mundo é do mais esperto  
devido a isso o coelho  
dorme com os olhos abertos

Eu só faço agrado  
 se vir o dinheiro  
 ao mandio queiro  
 que for arranchado  
 quem for desgraç do  
 que desata a rênô  
 nem numa parede  
 se alguém o pintar  
 pode se acabar  
 a fome e a séde

Porém ao mandioqueiro  
 esse não: que tem farinha  
 feijão, batata, cará  
 tem bóde, porco e gallinha  
 para fazer dez mil réis  
 basta-lhe uma bacorinha.



não se pode fazer  
 uma coisa sem

a ajuda de

a natureza

DEBATE DE JOSUE' ROMANO  
COM AMARO COQUEIRO  
DO PIAUHY

Amaro-Senhor Josué Romano  
eu sou Amaro Coqueiro  
vim do Piauhý aqui  
cantar com o cavalheiro  
me disseram que o amigo  
assombrou o mundo inteiro

Josué-Tu não assombro ninguém  
isso é o povo que diz  
sou como outro qualquer  
tal profissão nunca quiz  
se o collega não for duro  
queira Deus seja feliz

Amaro-Josué eu sou coqueiro  
onde alguém nunca subiu  
e as palhas de meu olho  
nem urubù nunca viu  
uma aguia quiz ir là  
antes de chegar cahiu

J.-Coqueiro eu nunca encontrei  
um pau que não derribasse  
e nem coqueiro por alto  
que nelle eu não trepasse  
não lhe meitasse o facão  
e os côcos não lhe tirasse

Coqueiro-O Lopes do Paraguay  
confiou na valentia  
commetteu guerra ao Brazil  
julgou vencel-o num dia  
porém sahiu ao contrario  
tudo quanto elle queria

J.-Meu pae cantou 30 annos  
nunca achou quem o vencesse  
inda estaria orelhudo  
se a dez annos não morresse  
eu sigo ao mesmo caminho  
meu destino é tambem esse.

C.-Quando o collega encontrar  
frio que o faça tremer  
pena que o faça chorar  
e dôr que o faça gemer  
vera tambem que seu pai  
qualquer um podia o vencer.

---

---

J.-Coqueiro meu braço è forte  
alén de forte é pezado  
além de pezado é grande  
alem de grande é cravado  
que ninguem pode torcel-o  
ainda destemperado.

C.-Josué eu nunca achei  
um ferro que eu não quebrasse  
braço que não torcesse  
aço que eu não virasse  
nem quem cantasse commigo  
que depois não se queixasse.

J.-Tambem você nunca viu  
cantador Parahybano  
juro que nunca cantou  
com parente de Romano  
se ja tivesse cantado  
não estava mais nesse engano.

C.-Eu já cantei com Patricio  
um bravo do Pageú  
fiz esse negro subir  
onde não vae urubù  
o negro vinha vestido  
mas quando voltou foi nù.



J.-Eu tambem fui ao Bezerra  
lá de sua capital  
quando foi a meia noite  
elle fez pelo signal  
se ajoelhou aos meus pés  
e confessou que ia mal.

C.-Mas o collega não pense  
que faz o mesmo commigo  
se pensar venha com geito  
olhe que encontra perigo  
eu sou o melhor collega  
e o peor inimigo

J.-Não ha gato que me arranhe  
nem onça que me tocalhe  
nem bravo que parta a mim  
nem distracção que me empalhe  
e nem duro que me vença  
e nem cousa que me engalhe

C.-Josué, isso é engano  
é fraco e pouco pensar  
juro que se você vir  
coqueiro se balançar  
só com os rumor das palhas  
você deixa de cantar

---

J.-coqueiro ! eu nunca temi  
nem onça na emboscada  
não levo corisco em conta  
nem noite de trovoada  
meu pae tambem era assim  
não tinha medo de nada.

C.-Josué em minha praia  
valentão morre e não vae  
eu tenho em minhas raizes  
magnitismo que atrae  
em minha aste soberba  
qualquer um que subir cae.

J.-Coqueiro eu tenho uma fouce  
que um ferreiro me offertou  
vulcano bateu o ferro  
tubulcaim moldiou  
Minerva deu parecer  
e Salomão caldlou.

C.-Sua fouce para mim  
não faz a primeira entalha  
faz logo 2 ou 3 dentes  
emperra e pega abrir falha  
e fica d'ahi por diante  
que não corta mais nem palha

---

J-Coqueiro não admiro  
essa tua pabulagem  
você tem toda razão  
para contar-me vantagem  
mas você querer vencer-me  
é que lhe acho coragem.

C-Josué eu nunca vi  
cantador como você  
não é por adulação  
porém não ha quem lhe dê  
eu digo com consciencia  
e vou lhe explicar porque.

Suas respostas são duras  
seu repente é muito certo  
quem vier contra Você  
veja que a queda está perto  
é botar bainha em fouce  
ou ir pregar no dizerto.

J-Coqueiro qualquer cantor  
pode cantar como eu  
porém, fazer eu calar-me  
esse nunca appareceu  
meu pae tambem era assim  
nunca ninguem o venceu.

---

C.-Senhor Josué lhe pesso  
 que cante mais um bocado  
 eu quero o apreciar  
 cante que fico callado  
 vou cantar no Piauhy  
 tudo que aqui tem se dado.

J.-Coqueiro eu tenho encontrado  
 talento de fazer medo  
 sujeito que o ronco delle  
 abala qualquer rochedo  
 porem cantar em 6 linhas  
 não é pequeno brinquedo.

Já encontrei um rapaz  
 que fugiu do seminario  
 já tinha aberto até crôa  
 eu julguei ser um vigario  
 metteu-se a cantar commigo  
 quando sahiu estava vario.

Eu lhe disse seu vigario  
 aqui temos diciplina  
 cantar assim não é nada  
 porém a sciencia ensina  
 eu não respeito—lhe a crôa  
 nem poupo sua batina.

# PROTESTO



Tendo sciencia de que alguém procura escrever e editar as minhas numerosas trovas populares de que sou exclusivo auctor e proprietario illudindo assim a bôa fé dos meus freguezes e apreciadores.

Protesto contra absorpção dos meus direitos garantidos. pelos arts. 649, 670 e 672, do capitulo VI do código civil brasileiro, fazendo valer os meus direitos opportunamente perante os tribunaes do paiz, já tendo requerido as medidas de que trata o artigo 673 do referido código.

Sirva este meu protesto de aviso aos meus leitores e as autoridades de todas as circumscripções da republica, a quem requeri não só a apprehensão como indemnização pelos damnos causados.

Recife, 20 de Fevereiro de 1921

*João Martins de Athayde*



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).